



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DA PARAÍBA – CAMPUS CABEDELO  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

ANÁLISE GRÁFICA DE LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EDVAN BARBOSA DE LIMA JÚNIOR

CABEDELO

2022

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DA PARAÍBA – CAMPUS CABEDELO  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

ANÁLISE GRÁFICA DE LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EDVAN BARBOSA DE LIMA JÚNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso superior de Design Gráfico, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, na modalidade de artigo científico, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de tecnólogo em Design Gráfico.

Orientador: Raquel Rebouças Almeida Nicolau

CABEDELO

2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

EDVAN BARBOSA DE LIMA JUNIOR

ANÁLISE GRÁFICA DE LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito  
para obtenção do título de Tecnólogo(a) em Design Gráfico  
pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da  
Paraíba - Campus Cabedelo.

Trabalho avaliado na sua forma final para conclusão do Curso Superior de Tecnologia em Design  
Gráfico do IFPB Campus Cabedelo e aprovado pela banca examinadora em 26 de Julho de 2022.

**Membros da Banca Examinadora:**

Profa. Dra. Raquel Rebouças Almeida Nicolau

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Prof. Me. Vitor Feitosa Nicolau

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

*Elaine Feitosa da Silva*  
Profa. Esp. Elaine Feitosa da Silva

Cabedelo/2023

Documento assinado eletronicamente por:

- Raquel Reboucas Almeida Nicolau, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 02/10/2023 15:22:51.
- Vitor Feitosa Nicolau, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 02/10/2023 17:14:54.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 18/09/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código 475968  
Verificador: 47a43dd15e  
Código de Autenticação:



Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Camboinha, CABEDELLO / PB, CEP 58103-772  
<http://ifpb.edu.br> - (83) 3248-5400

	<b>INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA</b>
	Campus Cabedelo - Código INEP: 25282921
	Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Cambinho, CEP 58103-772, Cabedelo (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0010-66 - Telefone: (83) 3248.5400

## Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

### Folha de aprovação

<b>Assunto:</b>	Folha de aprovação
<b>Assinado por:</b>	Fabianne Azevedo
<b>Tipo do Documento:</b>	Anexo
<b>Situação:</b>	Finalizado
<b>Nível de Acesso:</b>	Ostensivo (Público)
<b>Tipo do Conferência:</b>	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Fabianne Azevedo dos Santos, COORDENADOR(A) DE CURSO - FUC1 - CCSDG-CB**, em 26/12/2023 15:10:16.

Este documento foi armazenado no SUAP em 26/12/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1038105

Código de Autenticação: c11e032abc



Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

---

L732a Lima Júnior, Edvan Barbosa de.  
Análise Gráfica de Livro Didático de Língua Portuguesa do 2º Ano do  
Ensino Fundamental / Edvan Barbosa de Lima Júnior. – Cabedelo, 2022.  
49 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Superior em Tecnologia em Design  
Gráfico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba –  
IFPB.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Rebouças Almeida Nicolau.

1. Análise gráfica. 2. Livro didático. 3. Design editorial. I. Título.

CDU 655.28

---

*"Os designers precisam pensar menos em fazer o design do livro e mais em fazer o design para a leitura."*  
(Stiff, Paul apud. Filho, Plínio M. 2003. A arte invisível, p.61)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais e aos meus filhos, que de forma direta contribuem diariamente para o meu crescimento pessoal e profissional, me apoiando e auxiliando nesta longa jornada de compartilhamento de aprendizado e ensino.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar e dar forças em toda a minha jornada pessoal, acadêmica e profissional todos os dias; assim como aos meu pais, Edvan e Sueli; aos meus filhos, Thiago Henrique e Davi Lucas, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando em todos os momentos, servindo como exemplo e estímulo para o meu desenvolvimento em toda a minha trajetória. Sou grato também ao meu companheiro, Josias Barros, por estar presente, me oferecendo assistência e sendo sempre compreensivo, paciente e solícito. Por fim, agradeço a toda equipe acadêmica do Curso superior de Design Gráfico, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, pela excelência em todos os ensinamentos, em especial, à minha orientadora, Raquel Rebouças, por todo o tempo dedicado à nortear e oferecer suporte ao meu trabalho de conclusão de curso.

## **RESUMO**

Este estudo contempla uma perspectiva de análise de um livro didático de língua portuguesa do Ensino Fundamental I, mediante a cultura de projeção gráfica, à luz do professor-pesquisador André Villas-Boas. O objetivo é analisar o projeto gráfico do livro didático de língua portuguesa do 2º ano do Ensino Fundamental utilizado pela rede pública municipal de ensino de João Pessoa, capital paraibana, no período 2019-2022, sob a ótica do Design Crítico. Trata-se de uma pesquisa que focaliza a metodologia de análise crítica (VILLAS-BOAS, 2009), a partir da identificação de elementos técnico-formais e elementos estético-formais. A análise em questão evidencia o fato de que a percepção e a utilização de tais elementos, de forma sistemática, promovem celeridade no processo de criação de projetos gráfico-editoriais. Além disso, proporciona aos designers editoriais uma visão mais ampla e sem ruídos no momento de concepção de novos projetos. Logo, coerente com a premissa do livro didático, a de clareza e objetividade no âmbito da apresentação das informações pedagógicas.

Palavras Chave: Análise Gráfica; Livro Didático; Design Editorial.

## **ABSTRACT**

This research addresses the perspective of Information Design of Elementary School textbooks, seeking to understand the use of visual elements in the pages of the book. The goal is to analyze the graphic configuration of Portuguese language textbooks for the 2nd grade of Elementary School, used by the public education network of João Pessoa-PB (from 2019 to 2022), in perspective of Information Design. This is a study based on the analytical principles of critical design proposed by Villas-Boas (2009), based on the graphic design culture that has been used in Portuguese language textbooks for the 2nd grade of Elementary School. This is because textbooks are teaching artifacts of great importance for public schools in the country. In some of them, these supplies can be one of the few teaching alternatives for the most needy students.

Keywords: Graphical Analysis; Textbook; Design editorial.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>9</b>
2.1. Objetivo Geral .....	9
2.2. Objetivos Específicos .....	9
<b>3. UM OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO .....</b>	<b>10</b>
3.1. Do edital de convocação ao projeto gráfico do livro didático .....	11
<b>4. DESIGN EDITORIAL .....</b>	<b>16</b>
<b>5. METODOLOGIA DE ANÁLISE GRÁFICA E DESIGN CRÍTICO .....</b>	<b>17</b>
5.1. Elementos técnico-formais .....	19
5.1.1. Dispositivos de composição .....	19
5.1.2. Princípios projetuais .....	22
5.2. Elementos estético-formais .....	22
5.2.1. Componentes textuais .....	23
5.2.2. Componentes não textuais .....	24
5.2.3. Componentes mistos .....	24
<b>6. RESULTADOS: CARACTERIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO .....</b>	<b>25</b>
6.1. Elementos técnico-formais .....	28
6.1.1. Dispositivos de composição .....	28
6.1.2. Princípios projetuais .....	36
6.2. Elementos estético-formais .....	40
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento no Brasil, o Livro Didático (LD) tem se mostrado um forte aliado na escolarização de estudantes, auxiliando e orientando pedagogicamente os profissionais da educação durante o processo de ensino e aprendizagem, é o que sinaliza Munakata (2016) ao abordar o LD como fonte de pesquisa para buscar compreender a cultura escolar.

. Em alguns momentos, o próprio LD é quem ajuda no direcionamento do currículo escolar, tornando-se, por vezes, o principal recurso didático durante a mobilização pedagógica. Cabe destacar que na maioria das vezes ele é o único material didático-pedagógico utilizado no processo de ensino em algumas escolas do país.

De acordo com o FNDE - Fundo Nacional do Desenvolvimento Escolar (c2017), o LD teve sua presença ampliada nas escolas brasileiras quando, em 1966, um acordo assinado pelo MEC - Ministério da Educação e a USAID - Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional, permitiu a criação da COLTED - Comissão do Livro Técnico e Livro Didático, comissão responsável por gerenciar ações referentes à produção, edição e distribuição dos livros didáticos. A partir da década de 1990, o MEC e o Governo Federal criaram um projeto onde os materiais didáticos que viessem a ser produzidos, fossem avaliados com o objetivo de garantir a qualidade pedagógica e gráfica do objeto de ensino (SANTOS; *et al.*, 2008), com o design informacional adequado aos devidos públicos.

Para Bocchini (2007), quando um material voltado ao processo de escolarização de crianças é apresentado sem adequação gráfica, corre o sério risco de haver uma inversão de papéis no âmbito da aprendizagem: no lugar de auxiliar os sujeitos escolares, pode atrapalhar a compreensão do conteúdo apresentado, comprometendo a realização das atividades pedagógicas propostas pelo material, sob mediação do professor. Isso porque elementos, como grid, grafismos, cores, ilustrações e tipografias, quando bem aplicados, facilitam o entendimento do aluno, porém se não forem bem apresentados graficamente, podem dificultar a compreensão daquilo que se pretende informar por meio da linguagem visual.

Considerando os fatos, nota-se a preocupação de uma possível interferência prejudicial no processo de formação dos discentes, em sua dinâmica de aprendizagem, como consequência da baixa qualidade gráfica apresentada pelos materiais. Neste sentido, este estudo busca responder à seguinte inquietação: como a linguagem gráfica dos livros didáticos de língua portuguesa do 2º ano do Ensino Fundamental está configurada à luz do design crítico?

Visando a objetividade da configuração gráfica da página do livro, esta pesquisa se projeta na necessidade de análise dos componentes gráficos dispostos nos LDs, através do DC (Design Crítico). A ideia é incentivar a reflexão sobre os projetos gráficos de livros didáticos direcionados ao público dos anos iniciais do ensino fundamental do ponto de vista do design crítico. Dito isso, este trabalho contempla a análise gráfica de um LD de Língua Portuguesa do 2º ano do Ensino Fundamental, utilizado por professores da rede pública de ensino da cidade de João Pessoa, capital paraibana, durante o ciclo 2019-2022.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

- Analisar o projeto gráfico do livro didático de língua portuguesa do 2º ano do Ensino Fundamental utilizado pela rede pública municipal de ensino de João Pessoa, capital paraibana, no período 2019-2022, sob a ótica do Design Crítico.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Analisar aspectos gráficos referentes ao processo de elaboração dos livros didáticos e o trato com a sua estruturação gráfico-visual;
- Refletir sobre a leitura gráfica do LD, a partir das proposições do design crítico;
- Caracterizar a linguagem gráfica aplicada no livro didático analisado.

### 3 UM OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

O surgimento do Livro Didático (LD) se deu em meados do Século XIX, como uma ferramenta complementar aos ensinamentos da Bíblia, até então, o único livro usado no contexto de ensino das escolas e aceito pelas comunidades da época, é o que afirma Oliveira; *et al* (1984). Este autor destaca que só por volta de 1847, os LDs passaram a ter uma maior importância na aprendizagem e na política educacional. Enquanto Gatti Júnior (2004) e Schubring (2003) afirmam que os livros direcionados ao ensino já existiam num contexto escolar, mesmo antes da invenção da imprensa, no fim do século XV. Como se pode perceber, o surgimento do material didático apresenta diferentes versões. Todavia, seu objetivo, embora também com algumas divergências, apresenta concepções que convergem, como o surgimento enquanto ferramenta de auxílio de ensino, cujo acesso era limitado ao clero e à burguesia.

Antes da invenção do papel, os materiais utilizados para registrar documentos e livros eram limitados, além de serem caros, raros e de difícil manuseio. Assim, a forma do livro dependia dos materiais e dos instrumentos que estavam ao alcance de cada povo.

Rocha e Roth (2014, p. 10) explicam que:

Quando se escrevia sobre barro, madeira, metal, ossos e bambu, materiais rígidos, que não podiam ser dobrados, os livros eram feitos de lâminas ou placas separadas.

Os materiais flexíveis, como tecido, papiro, couro, entrecasca de árvores e, finalmente, papel, permitiam outras soluções, como as dobras e os rolos.

A prensa de tipo móveis, criada por Johannes Gutenberg, revolucionou a cultura no ocidente. A técnica de impressão com moldes, era novidade para o alemão, porém, no oriente, mais especificamente na China, segundo Amaral (2002), a técnica já vinha sendo reproduzida nos últimos 14 séculos por meio da impressão de gravuras. Mesmo com tanto tempo de uso da técnica, os chineses não evoluíram quanto ao uso de seus materiais, que não tinham tanta resistência e durabilidade, quando comparados aos materiais usados por Gutenberg em sua prensa. É válido lembrar que:

[...] para a época, foi um avanço, em termos de produtividade e qualidade. Os primeiros livros impressos, chamados de incunábulos, rapidamente ganharam popularidade e mercado, devido à agilização do processo produtivo e conseqüente barateamento do livro que, finalmente, passou a ter a possibilidade de ser popularizado (RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007, p. 30).

Como afirma Bacelar (1999 apud RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007), citado por (2007), “com o surgimento dos impressos, os livros tornaram-se mais baratos e portáteis”, com isso e a reprodução em série, os textos escritos deixaram de ser privilégio da burguesia e do clero europeu.

Mediante o exposto, percebemos que o LD não surgiu junto com a prensa, “mas foi a invenção de Gutenberg que realmente abriu o caminho para a popularização do livro, para o desenvolvimento da imprensa e para a democratização da educação.” (ROCHA & ROTH, 2014, p. 29)

Em 1808 no Brasil, foi criada a Imprensa Régia, órgão que oficializou a implantação da tipografia no país, sendo este, responsável pela expansão e melhorias dos materiais impressos para educação pública.

Os livros publicados eram direcionados para os cursos criados por D. João VI – principalmente para a Real Academia Militar – e também para os cursos voltados para organização do aparelho administrativo do Estado – economia política, geografia, além de livros que atendessem às escolas criadas no período. (NAKAMOTO, 2010, p. 42)

De acordo com Zacheu e Castro (2015), só se tem registro do uso do LD a partir de 1820, quando as primeiras escolas públicas do Brasil foram instaladas, porém seu uso só é feito de forma sistematizada a partir de 1838, quando foi criado o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Afirmam ainda, que a elite brasileira era quem detinha o privilégio do acesso à educação, cujos livros eram importados da Europa, em especial da França. A partir do exposto, podemos entender que o conteúdo apresentado no contexto da educação brasileira tinha como referência central a cultura eurocêntrica, respaldada nos modos de vida e costumes da elite européia. O consumo destes materiais importados, se deu, segundo Silva (2012), por parte da imprensa brasileira, que não apresentava boas condições para produzir e publicar materiais didáticos.

Retomando as colocações de Zacheu e Castro (2015), é possível afirmar ainda que, a cultura liberal européia não estava alinhada com os ideais do Estado brasileiro, isto gerou, em 1827, a elaboração de um projeto educacional onde se buscava adaptar o liberalismo europeu à realidade da classe dominante do território nacional.

Bittencourt (1993) afirma que ao planejar e acompanhar a educação, o Estado conseguiu estabelecê-la na sociedade, dessa forma, o governo desenvolveu meios para manipular os conteúdos expostos em sala de aula, ditando o que seria ou não “adequado” para o corpo discente, tornando o LD uma ferramenta de cunho doutrinário a favor de seus próprios interesses (Zacheu e Castro, 2015; Nakamoto, 2010).

Assim, durante o período imperial e o início da Primeira República, o Estado pôde expor seus interesses de identidade nacionalista através dos livros de conteúdo local (nacional), encomendados a autores brasileiros que partilhavam do mesmo sentimento. O incentivo para produção e impressão de material com esse tipo de conteúdo, ocorria principalmente nas matérias de Geografia e História do Brasil (Nakamoto, 2010).

assim como outros elementos presentes na cultura escolar, os livros didáticos também reforçaram e contribuíram para a formação do sentimento de nacionalidade, imbuídos desde o momento inicial de visões patrióticas na produção da história do Brasil. (ZACHEU; CASTRO, 2015, p.3)

Em paralelo a produção dos livros de Geografia e História do Brasil, a importação dos livros de Língua Portuguesa e das demais áreas, continuavam ocorrendo. Com o fim do monopólio da Imprensa Régia no Brasil em 1822, os LDs geralmente de conteúdos locais, passaram a ser produzidos pelas editoras que estavam surgindo no país.

No final da Primeira República, em 1929, a Grande Depressão resultante da queda da bolsa de valores de Nova Iorque, abalou a economia do sistema capitalista de vários países no mundo, provocando aumento no valor da importação de produtos. Esse fato, fez com que o governo promovesse políticas públicas a fim de incentivar a produção nacional do material didático no país. Assim, o LD “teve a sua

produção aumentada significativamente com lançamentos de novos títulos com grande tiragem e inúmeras edições para atender à crescente demanda das escolas brasileiras”. (NAKAMOTO, 2010)

Embora não seja de interesse dessa pesquisa minuciar a história política do Brasil, é relevante pontuar a “importância” atribuída pelo poder público a este artefato de ensino, que além de auxiliar no processo de aquisição do saber, servia para “cercear as leituras para dificultar revoltas, frente ao perigo que as ideias que circulavam em determinados livros ofereciam ao governo”. (CORDEIRO, 2018)

Com a sua “importância” estabelecida, o Estado sob domínio do então presidente da república Washington Luís, criou o INL - Instituto Nacional do Livro, que de forma subordinada ao MEC, contribuiria para a legitimação do livro didático nacional, mas o projeto não foi posto em prática. Somente em 1934, durante a Era Vargas, o Ministro da Educação Gustavo Capanema atribuiu funções ao Instituto, sendo elas: a edição de obras literárias para a formação cultural da população, a elaboração de uma enciclopédia e de um dicionário nacionais e a expansão do número de bibliotecas públicas.

A criação do INL abriu portas para o surgimento de políticas públicas com foco na distribuição dos LDs. Em 1938, o decreto-lei de nº 1.006 - 30/12/1938, define pela primeira vez o que é um livro didático em seu artigo segundo.

Art. 2º, § 1º - Compêndios são os livros que exponham, total ou parcialmente, a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares; 2º - Livros de leitura de classe são todos os livros usados para leitura dos alunos em aula; tais livros também são chamados de livros de texto, livro-texto, compêndio escolar, livro escolar, livro de classe, manual livro didático. (Oliveira *apud* Freitag; Costa; Motta, 1989, p. 12-13)

Neste mesmo decreto foi apresentado a criação da CNLD - Comissão Nacional do livro didático, órgão que ficou responsável por examiná-los até 1961. Depois, outras políticas públicas as substituíram, até chegar a criação do PNLD - Programa Nacional do livro didático, em 1985. Onze anos após seu surgimento, em 1996, o PNLD juntamente com o MEC, desenvolveram o GLDs - Guia de livros didáticos. O documento traz

[...] resenhas e informações acerca de cada uma das obras aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), apresentando aos docentes análises, reflexões e orientações quanto ao conteúdo e estrutura das obras e suas potencialidades para a prática pedagógica [...]. (MEC, s/a)

A cada edital lançado, a depender de questões sociopolíticas e econômicas, o programa contempla novas áreas de ensino e novos materiais pedagógicos, a exemplo da distribuição de dicionários da língua portuguesa, livros didáticos em braille, atlas geográficos, dentre outros. Com essas contemplações, o programa aditiva a sua nomenclatura o termo “e do Material”, passando a se chamar, Programa Nacional do Livro e do Material Didático.

### **3.1 Do edital de convocação ao projeto gráfico do livro didático**

*O Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD 2019 (Edital de Convocação 01/2017 – CGPLI) foi lançado em 2017 com a finalidade de convocar “[...] editores para participar do processo de aquisição de obras didáticas destinadas aos estudantes e professores[...].” (Brasil, 2017) dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) e do ensino infantil.*

Lançado dois anos antes do início da veiculação dos livros produzidos, o edital aponta uma sequência de itens que devem ser considerados, com a finalidade de regular a qualidade didática e gráfica dos materiais que serão produzidos. Guiados pelos apontamentos, ao finalizarem o processo de elaboração do material pedagógico, os editores inscrevem suas obras dentro do prazo estabelecido pelo edital e aguardam-nas receberem o status de “obra aprovada<sup>1</sup>”.

As obras aprovadas ficam disponíveis no Guia do Livro Didático, uma espécie de coletânea, desenvolvida pelo MEC com o objetivo de orientar os professores para a escolha dos LDs que servirão de apoio aos trabalhos pedagógicos durante um período de quatro anos. Como processo de norteamto das escolhas, diante do

---

<sup>1</sup>Obra que atendeu a todos os parâmetros de avaliação do edital e que recebeu a menção de aprovada, conforme previsto no Decreto que regulamenta o Programa Nacional do Livro e do Material Didático, fazendo parte do Guia do Livro Didático e podendo participar das fases de habilitação e compra realizadas pelo FNDE. (BRASIL. Ministério da Educação, 2017, p. 18).

acesso às resenhas dos LDs, os diretores e os professores podem escolher, através de votação, quais obras mais se aproximam da base curricular da sua escola.

No que diz respeito à estruturação gráfica do LD, o documento regulatório apresenta um item de caráter obrigatório e também eliminatório, dentre suas diretrizes, intitulado de “adequação da estrutura editorial e do projeto gráfico aos objetivos didático-pedagógicos da obra”, que apresenta algumas características competentes ao design informacional. Para adequação se estabelece os seguintes itens:

- [...] a. Organização clara, coerente e funcional, do ponto de vista da proposta didático-pedagógica;
- b. Legibilidade gráfica adequada para o nível de escolaridade visado, do ponto de vista do desenho e do tamanho das letras; do espaçamento entre letras, palavras e linhas; do formato, dimensões e disposição dos textos na página;
- c. Impressão em preto do texto principal;
- d. Títulos e subtítulos claramente hierarquizados por meio de recursos gráficos compatíveis;
- [...]
- f. Inclusão de referências bibliográficas e indicação de leituras complementares;
- g. Sumário que reflita claramente a organização dos conteúdos e atividades propostos, além de permitir a rápida localização das informações;
- h. Impressão que não prejudique a legibilidade no verso da página;
- [...]
- j. Mancha gráfica proporcional ao tamanho da página, com tipologia e tamanho de letra, assim como espaço entre linhas, letras e palavras, adequados para as diferentes faixas etárias;
- [...]
- m. Legendas sintéticas, com cores definidas, evitando o excesso da informação a ser identificada;
- n. Imagens acompanhadas de atividades de leitura e interpretação e de interação, sempre que possível, referenciadas em sua condição de fonte para a produção do conhecimento histórico.
- [...] (Brasil, 2017)

Além de focar na disposição gráfica do texto, o edital aponta itens que regem o modo em que as ilustrações e as imagens estão dispostas, como: a distribuição de forma equilibrada na página; quando, de caráter científico, o respeito às proporções entre objetos ou seres representados. E no caso de gráficos, tabelas e imagens artísticas a presença de títulos, legendas, fontes ou acervos de onde foram reproduzidas, datas e créditos de clara identificação e de fácil localização.

## 4 DESIGN EDITORIAL

O design editorial é uma subárea do design gráfico responsável por apresentar e significar visualmente elementos gráficos e/ou textuais, a fim de solucionar problemas de comunicação, de forma objetiva e pontual em determinados espaços informacionais, como revistas, jornais, livros e catálogos. (MOURA; ZUGLIANI, 2019). Ele apresenta relação entre forma e conteúdo, informa e instrui, considerando disposição, dimensão, dentre outros elementos; implica em um modo de comunicação por palavras, imagens e demais linguagens, em dispositivos analógicos e/ou digitais. Nesta perspectiva, é válido mencionar que:

Gui Bonsiepe (1993) afirma que o conceito de design muda devido às transformações da sociedade que recaem no discurso projetual, no discurso do design. Enquanto na década de 50 os temas centrais eram a produtividade, a racionalização e a standardização, nos anos 60 estabeleceu-se uma crítica a sociedade de consumo, e, na década de 70, a busca da apropriação da tecnologia se fez sentir no discurso do design, incluindo-se aí pela primeira vez a crítica "(...) à concepção universalista do 'bom design' " (Bonsiepe: 1993,p. 8). Já os anos 80 foram marcados pela crítica ao racionalismo e ao funcionalismo, quando "(...) discussões sobre estilo e forma determinaram o cenário do design. Objetos de design ocuparam a posição de objetos de culto" (Bonsiepe: 1993, p. 11). Nos anos 90, as questões de compatibilidade ecológica, do gerenciamento do design e das novas mídias determinaram os debates desta área, fatos que influenciaram diretamente a concepção do design editorial. (MOURA; ZUGLIANI, 2019, p. 171-172).

É possível entender que o conceito de design é moldado de acordo com as demandas contextuais da sociedade, considerando, inclusive, o surgimento de novas tecnologias. Esse fator, implica diretamente no processo de desenvolvimento dos projetos gráfico-editoriais.

Diante dessa conjuntura de mudanças tecnológicas, nota-se a atenção dada a funcionalidade, que são as de produzir sentido através de uma linguagem gráfica visual, fazendo uso de elementos gráficos como imagens, tipografias, tabelas, ilustrações, formas, símbolos, grafismos e outros. Tudo isso sistematizado em determinado dispositivo, para uma compreensão objetiva e clara do usuário. Ou seja, se relaciona diretamente com a forma, o significado e a função do conteúdo apresentado em um determinado ato comunicativo, através da linguagem gráfica dos elementos visuais estabelecidos nos dispositivos de leitura.

Vale ressaltar que a ideia de linguagem aqui mencionada aporta-se na função de significar algo, produzir sentido, como menciona Marcos Bagno (2014, s/p): “Nós somos seres muito particulares, porque temos precisamente essa capacidade admirável de *significar*, isto é, de *produzir sentido* por meio de símbolos, sinais, signos, ícones etc.” e também no conceito da “semiótica que estuda os modos de produção dos sentidos das representações e também os processos de significação de comunicação encontrados na sociedade” (NAKAMOTO, 2010, p. 5).

A linguagem gráfica impressa nos LDs configura-se como dispositivos que informam, atraem e orientam o processo comunicativo educacional, cujos elementos dimensionam a composição do design editorial dispostos nos livros didáticos de língua portuguesa dos anos iniciais.

Para que se possa fazer uso dos elementos gráficos de forma consciente e eficaz, é necessário perceber e conhecer cada componente da página de um projeto. Por isso, se faz relevante o reconhecimento teórico-conceitual desses elementos, a exemplo de: espaçamento, grid, legenda, tipografia, mancha gráfica, estrutura de página, entre outros. Ou seja, se faz necessário entender o que é e qual é a função de cada elemento gráfico disposto nas páginas de um determinado livro, como no caso de um LD.

## 5 METODOLOGIA DE ANÁLISE GRÁFICA E DESIGN CRÍTICO DE VILLAS-BOAS

Do ponto de vista da coleta de dados, este estudo se iniciou por meio de visitas em websites de pesquisas, livros, artigos científicos, TCCs, teses e dissertações, com temáticas relacionadas ao livro didático e suas interfaces com a análise gráfica e o design informacional.

O método de investigação abordado neste estudo é de natureza exploratória, cujas proposições são tomadas como aquelas “[...] desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 2008, p. 27). Neste sentido, recorre-se à Villas-Boas (2009) por este autor se utilizar da dedução para perceber similaridades entre publicações históricas do mesmo gênero. A metodologia de análise de design crítico foi criada a partir da vivência com seus alunos em sala de aula nos cursos de graduação em design. A finalidade do autor foi a proposição de um sistema crítico de análise e de prática de estruturação projetual, denominado de *Cultura Projetual*. Ou seja, uma perspectiva metodológica que busca compreender o uso dos elementos gráficos, como formas, tabelas, cores, imagens, tipografia, dentre outros, que pode ser utilizada para fins analíticos de LDs.

No artigo intitulado *Sobre Análise gráfica, ou Algumas estratégias didáticas para a difusão de um design crítico*, Villas-Boas (2009, p. 3) apresenta um sistema de análise de design crítico desenvolvido a partir da sua experiência docente em cursos de graduação em design, assim como “[...] nos desdobramentos de reflexões desenvolvidas em trabalhos anteriores, especialmente aqueles centrados na teoria do design” [...], com intuito de disseminar uma propositura crítica de análise e prática de estruturação projetual. Para tanto, o autor apresenta a distinção de “elementos formais”, dividindo-os em dois grupos: o de ordem estética e o de ordem técnica. Esta sistematização pode ser vista na figura 1.

Figura 1 - Sistematização da análise de Villas-Boas

<b>Layout</b>	<b>Elementos técnico-formais</b>	Princípios projetuais	Unidade Harmonia Síntese Balanceamento Movimento Hierarquia
		Dispositivos de composição	Mancha gráfica Estrutura Centramento Eixo
	<b>Elementos estético-formais</b>	Componentes textuais	Antetítulos Títulos Subtítulos Entretítulos Massas de texto Capitulares Legendas Olhos Unidades recorrentes (etc.)
		Componentes não textuais	Grafismos Fotografias Ilustrações Tipos ilustrativos
		Componentes mistos	Gráficos Tabelas ilustradas Infográficos (etc.)

Fonte: Villas-Boas (2009, p. 10).

O grupo de ordem estética se refere “[...] ao que o observador efetivamente vê no layout (imagens, letras, gráficos, cores etc) [...]” (Ibid., p. 8), enquanto o de ordem técnica se refere “[...] àquilo que ele *não vê* (ou tende a ignorar) [...]” (Ibid., p. 8-9), como unidade, harmonia, balanceamento, hierarquia etc., ou seja, encontram-se envolvidos em organizar, com o intuito de produzir sentido, os elementos de ordem estética. A estas duas ordens, o autor chama de “elementos estético-formais” e “elementos técnico-formais”, respectivamente.

Para fins de melhor compreensão das questões metodológicas deste estudo, é pertinente ressaltar que iniciei a análise do livro didático a partir da identificação do primeiro subgrupo dos elementos técnico-formais, presentes em Villas-Boas (2009), que são os dispositivos de composição; depois, prossegui com o processo de identificação dos elementos estético-formais (componentes textuais, componentes não textuais e componentes mistos); e, por fim, retomei aos elementos técnico-formais para identificar o segundo subgrupo, que são os princípios projetuais. Ou seja, não segui a ordem apresentada no quadro da figura 1.

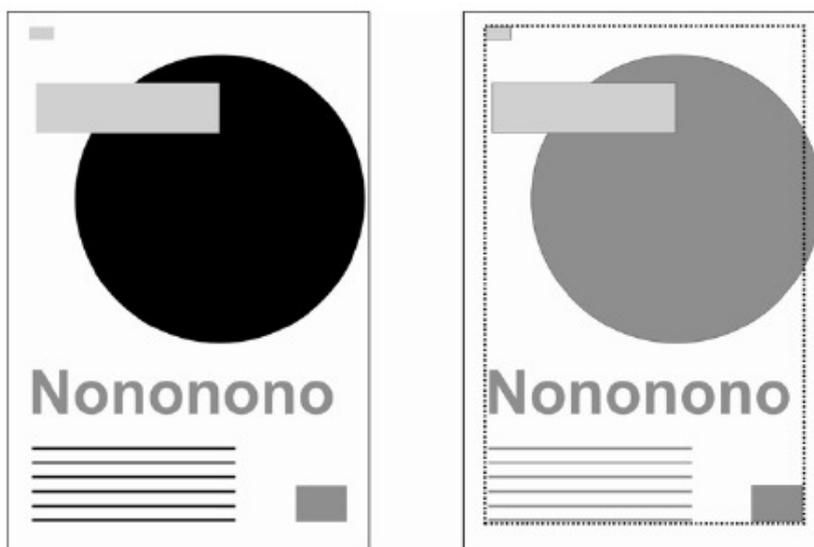
## 5.1 Elementos técnico-formais

Para o objetivo de análise gráfica, Villas-Boas (2009) divide os elementos técnicos-formais em dois subgrupos: o dos dispositivos de composição, que subdividem-se em: mancha gráfica, estrutura, centramento e eixo; e o dos princípios projetuais, que subdivide-se em: unidade, harmonia, síntese, balanceamento, movimento e hierarquia.

### 5.1.1 Dispositivos de composição

Os dispositivos de composição tratam de técnicas instrumentais de projeção, com a finalidade de localizar os elementos estético-formais na superfície do projeto, apontando a disposição de cada um dos elementos. Para uma melhor compreensão, o autor apresenta um layout imaginário (figura 2, à esquerda) no qual ele analisa os dispositivos de composição através da dedução.

Figura 2 - Layout objeto de análise (à esquerda) e Traçado da dedução da mancha gráfica (à direita)



Fonte: Villas-Boas (2009, p. 11).

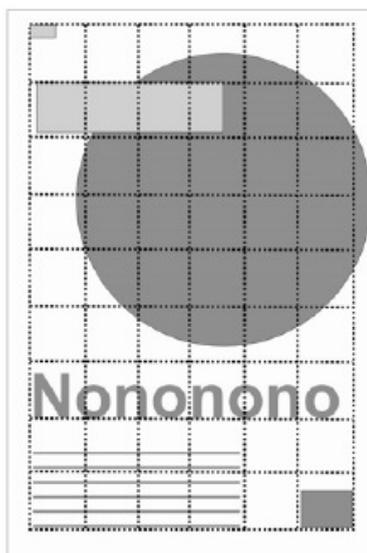
A mancha gráfica (figura 2, a direita) é o primeiro dispositivo apontado no processo de análise. Para Villas-Boas (2009), é através dele que os limites das margens e a noção de sangramento são identificados. Glenda Junker (2016), por

sua vez, define esse dispositivo como área responsável pela distribuição do conteúdo do projeto. A delimitação da mancha gráfica ajuda na identificação da estrutura.

Villas-Boas (2009), afirma que a função da estrutura é dispor e dimensionar os elementos estético-formais no layout da página através de um diagrama estrutural (figura 3). Esta ferramenta, também chamada por alguns de grade ou *grid* (do inglês), determina as proporções internas da página de um projeto gráfico de livro, afirma Haslam (2006). Os limites pré-estabelecidos tendem a ajudar os diagramadores no momento da composição do layout da página. Este autor afirma ainda que “o uso da grade proporciona consistência ao livro, tornando coerente toda a sua forma” (HASLAM, 2006, p. 42).

Dessa forma, torna-se possível identificar módulos mais homogêneos no layout da página.

Figura 3 - Diagrama estrutural, grade ou *grid* representados por linhas tracejadas

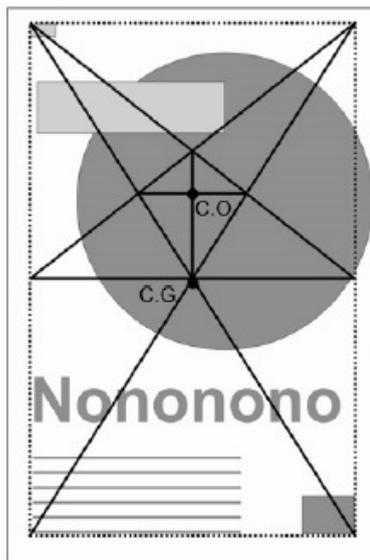


Fonte: Villas-Boas (2009, p.12).

O terceiro dispositivo de composição é o centramento. Para detectá-lo é necessário iniciar um traçado a partir da extremidade do canto inferior esquerdo da mancha gráfica, e percorrer determinadas coordenadas, até o último ponto de contato do trajeto do traçado, localizado na extremidade do canto inferior direito da mancha gráfica, como pode ser visto na figura 4. A esse traçado, Villas-Boas (2009)

chama de traçado de dois centros, fazendo referência ao centro ótico e ao centro geométrico euclidiano. Esse dispositivo de composição serve como referência para a distribuição dos elementos estético-formais e o seu uso só é feito se o designer achar necessário.

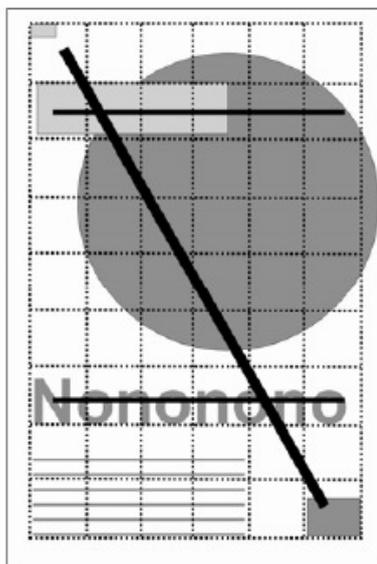
Figura 4 - O traçado dos dois centros, demonstrando que o layout foi organizado lançando-se mão do centramento ótico.



Fonte: Villas-Boas (2009, p. 14).

O eixo, como é chamado o último dispositivo de composição, tem a mesma função que a do centramento. O dispositivo pode ser usado pelo designer para distribuir os elementos estético-formais considerando as relações entre si, caso ele julgue necessário. O processo de identificação dos eixos pode ser visto na figura 5.

Figura 5 - Identificação dos principais eixos da composição, com destaque para aquele mais determinante



Fonte: Villas-Boas (2009, p. 14).

### 5.1.2 Princípios Projetuais

A segunda subcategoria dos elementos técnico-formais é chamada de princípios projetuais, este subgrupo apresenta características de projeto consolidadas historicamente que servem como referências/guias para designers. São eles: unidade, harmonia, síntese, balanceamento, movimento e hierarquia.

### 5.2 Elementos estético-formais

Os elementos estéticos são definidos por Villas-Boas (2009) como os que “o observador efetivamente vê”, como é o caso das imagens, tipografias, cores, formas, tabelas etc. Tais elementos são classificados em três subgrupos: os componentes textuais, que se referem aos textos verbais, como: títulos, subtítulos, massas de texto, legendas, unidades recorrentes, dentre outros; os componentes não textuais, que se referem a textos não-verbais, como: grafismos, fotografias, ilustrações, tipos ilustrativos, dentre outros; e os componentes mistos, que são compostos por textos verbais e não-verbais, como: gráficos, tabelas ilustradas, infográficos etc.

### 5.2.1 Componentes textuais

Os componentes textuais são elementos visuais que têm como principal característica a letra como objeto compositor de sua formação, dentre tais elementos estão: antetítulos, títulos, subtítulos, entretítulos, massas de texto, capitulares, legendas, olhos, unidades recorrentes etc.

Tschichold (2014) afirma que toda tipografia consiste de letras, para o autor, o formato da letra tanto pode contribuir como pode atrapalhar sua própria legibilidade, ou seja, pode vir a ajudar ou dificultar a ação da leitura. De acordo com Rafael Rallo (2018), a tipografia é detentora de quatro classificações primárias, são elas: sans serif (sem serifa), serif (com serifa), script (manuscrita) e dingbat (composta por símbolos variados), ambas representadas na figura 6.

Figura 6 - Classificações tipográficas



Fonte: Rock Content, 2018.

A tipografia sem serifa, geralmente indicada para textos curtos, apresenta traços mais simples quando comparada a tipografia serifada. As serifas presentes nas extremidades da forma dessa tipografia, tendem a facilitar a experiência do leitor, formando vãos horizontais numa espécie de corredor, que auxiliam na formação de blocos de textos mais compreensíveis. Esse tipo de fonte é indicado para textos mais longos, afirmam Castro e Perassi (2018 apud. ALI, 2009, p. 114).

Para definir a tipografia que será usada em um determinado projeto gráfico, se faz necessário considerar a idade do público leitor. Nesta situação, à qual estamos analisando, o público se trata, majoritariamente, de crianças que têm por volta de 7 a 8 anos de idade.

De acordo com Lupton (2020), o espaçamento ou *tracking* se refere ao ajuste geral de um grupo de letras, ou seja, trata-se do ajuste do espaço que existe

entre uma tipografia e outra. A autora afirma que o espaçamento pode promover um campo mais arejado e aberto. Fala ainda que “letras brancas sobre fundo preto são consideradas mais legíveis quando espaçadas” (Ibid., p. 104).

O espaçamento entre linhas é “a distância entre uma linha de base e outra [...]” (LUPTON, 2020, p. 108). Essa distância, geralmente, tem como valor mínimo um total de 20% a mais do que o valor do tamanho do corpo da tipografia, ou seja, 120% do tamanho do tipo. Para chegar a esse valor, que é o mesmo que Castro e Perassi (2018) consideram como apropriado, foram realizados testes tipográficos para fins de comprovação. Em relação aos softwares de editoração, Lupton (2020) afirma que em sua maioria as configurações padrões são compostas pelo valor de 120% do tamanho do tipo. Sendo assim, “tipos em 10pts são compostos com 12pts de espaço entre linhas” (Ibid. p. 108).

A massa de texto geralmente é desenvolvida sob a malha de uma grade (grid). É composta, na maioria das vezes, por elementos textuais e não-textuais. A massa de texto comporta elementos como título de página, título de texto, antetítulo, imagens, mapas, infográficos, entre outros.

### **5.2.2 Componentes não textuais**

Os componentes não-textuais, segundo Villas-Boas (2009), são elementos visuais meramente organizatórios, decorativos ou enunciadamente informativos. Sua principal característica é a forma representativa/ilustrativa. Dentre tais elementos se encontram: grafismos, fotografias, ilustrações e tipos ilustrativos.

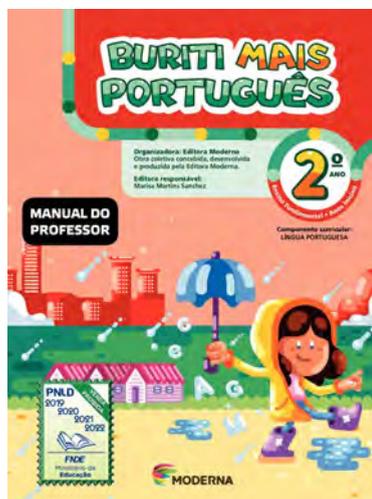
### **5.2.3 Componentes mistos**

Os componentes mistos são elementos visuais resultantes da junção dos componentes textuais (aqueles que informam através das palavras) e de componentes não textuais (aqueles que comunicam através de textos imagéticos).

## 6 RESULTADOS: CARACTERIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO

O processo de análise da configuração gráfica dos LDs de língua portuguesa para o 2º ano do Ensino Fundamental levou em consideração um dos exemplares adotados pelos professores das escolas públicas municipais de João Pessoa-PB, para o ciclo 2019-2022: Livro *Português* da coleção *Buriti Mais* (figura 7) publicado e organizado pela Editora Moderna, em 2017.

Figura 7 - Capa do livro Buriti Mais Português do 2º ano do Ensino Fundamental (Manual do professor)



Fonte: Scribd, 2021<sup>2</sup>.

As análises aqui presentes se deram a partir dos seguintes passos: de posse do livro didático utilizado pelas escolas públicas de João Pessoa, fez-se uma observação prévia do projeto gráfico buscando perceber elementos que trouxessem unidade entre si ou não. Em seguida, consciente da metodologia utilizada por Villas-Boas, realizou-se uma segunda leitura das páginas, desta vez, marcando os elementos visuais pertencentes aos instrumentos de análise apontados por ele. Para tanto, orientado pelo método em questão e buscando se aprofundar no objeto de pesquisa, optou-se por analisar três layouts, sendo um da página de abertura (que apresenta comandos de interação para o aluno e introduz o assunto que será abordado na respectiva unidade) e dois relacionados a conteúdo/propostas

<sup>2</sup> Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/509945787/Buriti-Mais-Portugues-2-Ano>. Acesso em: 15 mai. 2022.

pedagógicas: um de leitura e um de atividades, enquanto componentes estruturais do projeto gráfico-editorial.

Para melhor compreensão, foi necessário sistematizar a estrutura editorial do livro didático *Buriti Mais Português*, em 3 partes: a pré-textual, composta pela folha de rosto, ficha catalográfica, seção "Conheça seu livro" e sumário; a textual, composta por oito seções de unidades fracionadas em dez subseções; e a pós-textual, composta pela seção "Sugestão de leitura", pelas referências bibliográficas e pelos recortes. É o que se pode visualizar no quadro 1.

Quadro 1 - Sistematização da estrutura editorial do livro didático *Buriti Mais Português* (2017)

Partes	Seções	Subseções
Pré-textual	Folha de rosto	
	Ficha catalográfica	
	"Conheça seu livro"	
	Sumário	
Textual	Unidade (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8)	"Abertura de unidade"
		"Texto 1"
		"Para compreender o texto"
		"Para ler e escrever melhor"
		"Comunicação oral"
		"Texto 2"
		"Para compreender o texto"
		"Para ler e escrever melhor"
		"Memória visual"
		"Comunicação escrita"
Pós-textual	"Sugestões de leitura"	
	"Referências bibliográficas"	
	Recortes	

Fonte: Autor, 2022.

Durante o processo de particionamento do livro, foi possível perceber a finalidade pedagógica de cada subseção, além de observar as semelhanças e as diferenças entre os layouts apresentados de cada uma delas, conforme se observa no quadro 1. A subseção de “Abertura de unidade” (em vermelho) apresenta layout de página dupla com comandos de interação para o aluno e introduz o assunto que será abordado na respectiva unidade. As subseções “Texto 1” e “Texto 2” apresentam layouts semelhantes e são utilizadas como espaços de leitura, convergidas e tratadas neste estudo, como “subseção de leitura”.

Em relação às subseções, “Para compreender o texto”, “Para ler e escrever melhor”, “Comunicação oral” e “Comunicação escrita” (em amarelo), pode-se notar o direcionamento para propostas pedagógicas concebidas a partir de atividades orais e escritas, as quais são referidas como “subseção de atividades”.

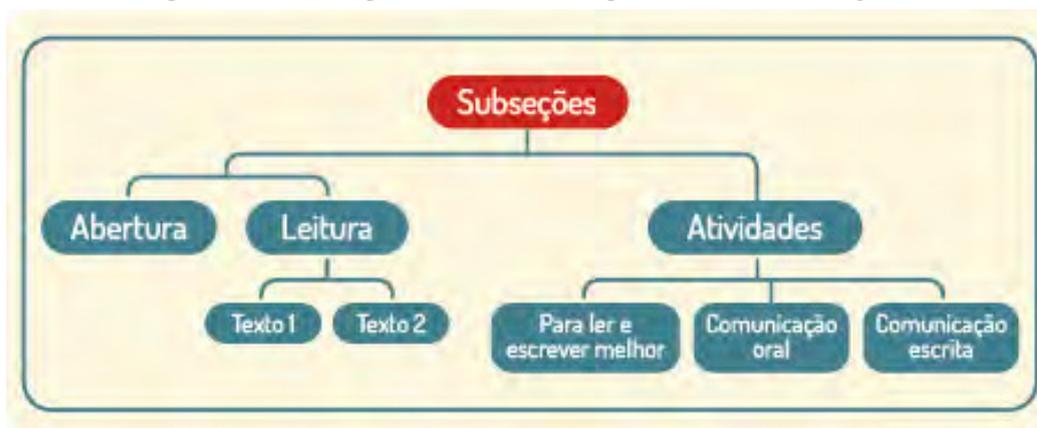
Além das subseções citadas, têm-se a subseção “Memória Visual” que também propõe atividades pedagógicas em seu cerne, entretanto, ela apresenta layout de página diferente das demais subseções que, por apresentarem layouts que se assemelham, foram convergidas na subseção de atividades. Por esta diferença, a subseção “Memória Visual” não se une ao referido grupo subseções.

Mediante essas observações, identificou-se a existência de quatro layouts de página dentro da seção Unidade, sendo: um da subseção “Abertura de unidade”; um da “Subseção de leitura”; um da “Subseção de atividades”; e um da subseção “Memória Visual” (não contemplada nessa análise).

Por se tratar da existência de dois modelos de layout voltados para uma mesma finalidade pedagógica, optou-se por escolher apenas um deles, sendo, então, o layout que aparece de forma majoritária no projeto do livro.

Para uma melhor compreensão, apresento um fluxograma com os layouts das três subseções que serão analisados. Como podemos ver na figura 8.

Figura 8 - Fluxograma de convergência das subseções



Fonte: Autor, 2022.

Após definir os termos utilizados no processo analítico, foram eleitas as seguintes páginas: para a subseção de abertura, layouts das páginas 10 e 11; para representar a subseção de leitura, página 12; e para representar a subseção de atividades, página 13. Em seguida, apliquei a metodologia de Villas-Boas com a finalidade de observar a estrutura gráfica adotada no projeto editorial do livro didático *Buriti Mais Português*, da Editora Moderna.

## 6.1 Elementos técnico-formais

A análise do design crítico de Villas-Boas (2009) inicia-se com a identificação dos elementos técnico-formais (dispositivos de composição e princípios projetuais).

### 6.1.1 Dispositivos de Composição

Neste estudo, a primeira subcategoria analisada foi a dos dispositivos de composição. Para identificação do primeiro dispositivo, que é a mancha gráfica, foi aplicado o traçado de dedução da mancha gráfica no layout das três subseções: abertura, leitura e atividades. Assim, foi possível perceber que a margem interna das páginas é maior que a externa e que a margem superior é menor que a inferior, como pode ser visto nas figuras 9 e 10.

Figura 9 - Traçado de dedução da mancha gráfica aplicado ao layout de página dupla da subseção abertura do livro Buriti Mais Português



Fonte: Adaptado de Moderna, 2017, p. 10-11.

Figura 10 - Traçado de dedução da malha aplicado aos layouts de páginas simples das subseções de leitura (à esquerda) e de atividades (à direita) do livro Buriti Mais Português

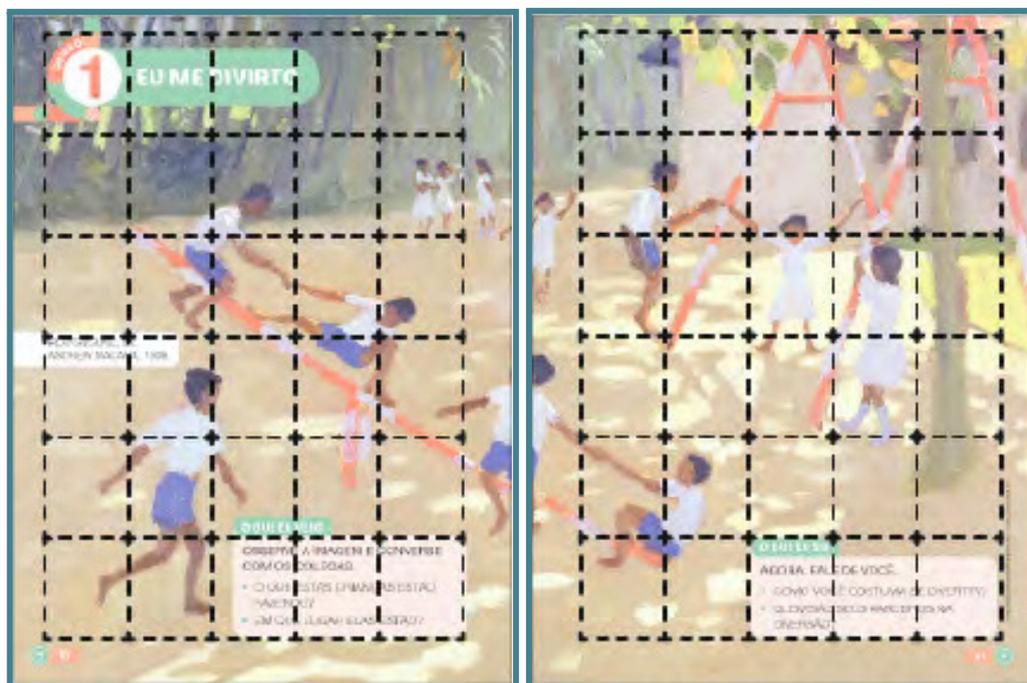


Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 12-13).

Após a identificação da mancha gráfica, foi preciso deduzir a estrutura, que é o segundo dispositivo de composição, dos três layouts de páginas. Para isso, foi desenvolvido um diagrama estrutural considerando a particularidade de cada uma das subseções, tendo como base as dimensões dos elementos estético-formais pertencentes às suas respectivas manchas gráficas.

O diagrama, também conhecido como *grid*, usado nas páginas da subseção de abertura, que pode ser visto na figura 11, tem a distância entre as linhas horizontais definida pela altura do elemento estético-formal que aparece no canto inferior direito do layout da direita. Sua largura, porém, não determina linhas verticais que se alinhem aos demais elementos estético-formais. Por isso, partiu-se para outra medida: a soma das três partes, que formam o todo, do elemento estético-formal disposto no canto inferior direito do layout da figura posicionada à direita. Por se tratar de uma página dupla, o diagrama estrutural foi replicado no layout da esquerda, o que se revelou mais adequado, considerando que o diagrama se enquadra nele.

Figura 11 - Diagrama estrutural aplicado a página dupla da subseção abertura do livro *Buriti Mais Português*



Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 10-11).

A imagem da figura 12, à esquerda, mostra como o diagrama estrutural se configurou no layout da subseção de leitura. A distância entre as linhas horizontais foi definida pela altura do elemento estético-formal que aparece no topo do layout à esquerda da figura. A largura, por sua vez, não foi determinada pelo mesmo elemento. Para tanto, foi necessário recorrer a outro elemento visual presente na página. A distância entre as linhas verticais foi criada a partir do espaço de respiro existente entre as laterais do elemento estético-formal disposto na parte inferior do layout e o limite da mancha gráfica da página de subseção, o que se revelou mais adequado, considerando que o diagrama se enquadra razoavelmente nele.

Ainda na figura 12, agora na imagem posicionada à direita, vemos a formatação do diagrama estrutural das páginas da subseção de atividades se estabelecer da seguinte maneira: a distância entre as linhas horizontais é definida pela altura de elementos estético-formais que permeiam o centro da página. A largura não pôde ser definida neste momento, para isso foi preciso recorrer a um outro elemento que servisse como base para definição da distância entre as linhas verticais que sinalizasse o alinhamento dos demais elementos estético-formais da página. Os elementos textuais que aparecem no centro da página e também no canto inferior direito do layout da direita revelaram-se mais adequados, considerando que o diagrama se enquadra razoavelmente nele.

Figura 12 - Diagrama estrutural aplicado ao layout de página simples das subseções de leitura (à esquerda) e de atividades (à direita) do livro *Buriti Mais Português*

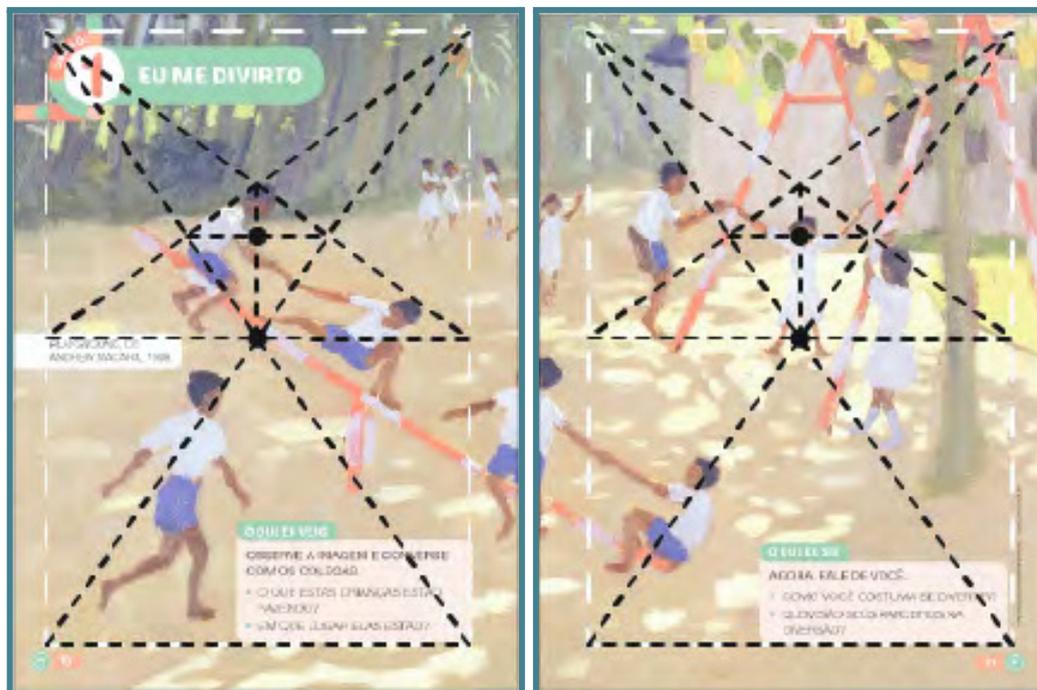


Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 12-13).

Para identificar o centramento, terceiro dispositivo de composição, foi necessário construir o que Villas-Boas (2009) chama de traçado dos dois centros. Ao finalizar o caminho percorrido pelo traço, é possível observar a existência de dois pontos de convergência, criados a partir da sobreposição da linha tracejada. Esses dois pontos são chamados de centro ótico e de centro euclidiano, este último fica abaixo do centro ótico. Eles são utilizados para deduzir o uso ou não do centramento como dispositivo de composição.

O traçado dos dois centros, quando aplicado ao layout da subseção de abertura, como pode ser visto na figura 13, direciona o olhar do leitor para o centro do elemento estético-formal utilizado como plano de fundo da página dupla. Com isso, pode-se perceber que a página foi diagramada desconsiderando o centro ótico e também o centro geométrico euclidiano da mancha gráfica. Uma vez que os outros elementos estético-formais presentes na página se dispõem em locais nitidamente longínquos dos centros estabelecidos pelas convergências do traçado.

Figura 13 - Traçado para localização dos dois centros aplicado ao layout da página dupla de abertura do livro *Buriti Mais Português*

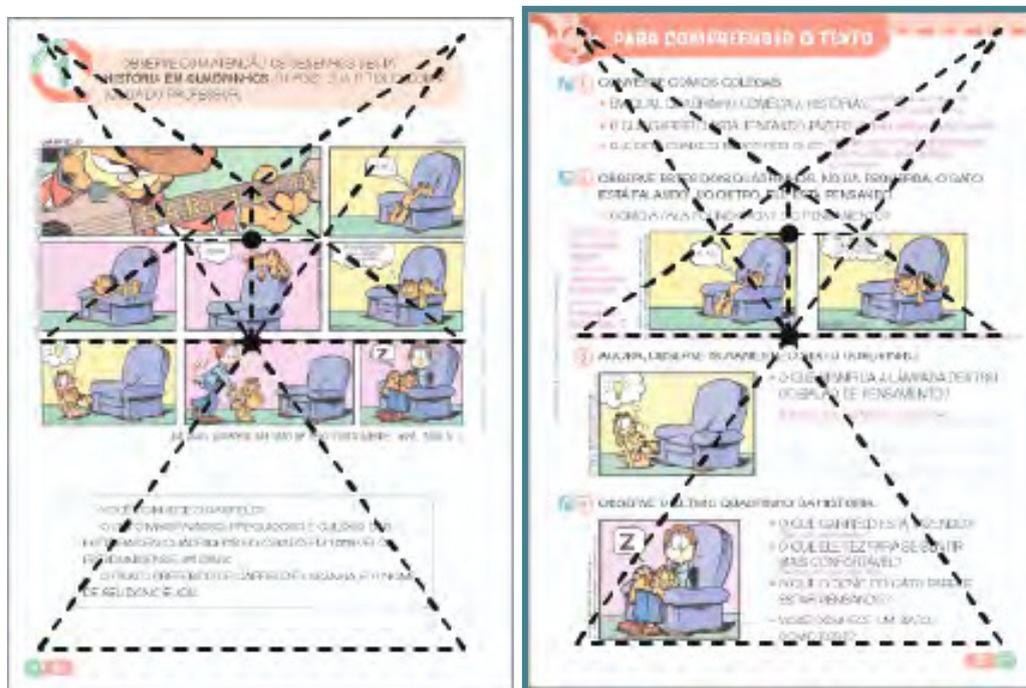


Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 10-11).

Ao aplicar o traçado dos dois centros no layout da subseção de leitura, apresentado na figura 14, à esquerda, é possível observar a presença de um elemento estético-formal posicionado no local do centro ótico e do centro euclidiano. Ao perceber tal situação, é possível entender que o elemento estético-formal que está posicionado no local dos centros é tido como elemento base para organização da página. Assim, podemos dizer que a página foi organizada considerando o traçado dos dois centros para distribuição dos demais elementos estético-formais. Uma vez que os outros elementos estético-formais se apresentam simetricamente no layout da página.

À direita da figura 14, podemos ver a aplicação do traçado dos dois centros no layout da subseção de atividades, com isso, é possível perceber a existência de um elemento estético-formal disposto entre o centro ótico e o centro geométrico euclidiano. Embora, tal elemento se faça presente no centro do layout, é possível visualizar que ele não se coloca como elemento base para organização da página. Assim, podemos dizer que a página foi organizada ignorando os dois centros criados pelas convergências do traçado.

Figura 14 - Traçado para localização dos dois centros aplicado ao layout da subseção de página simples de leitura (à esquerda) e de atividades (à direita) do livro *Buriti Mais Português*

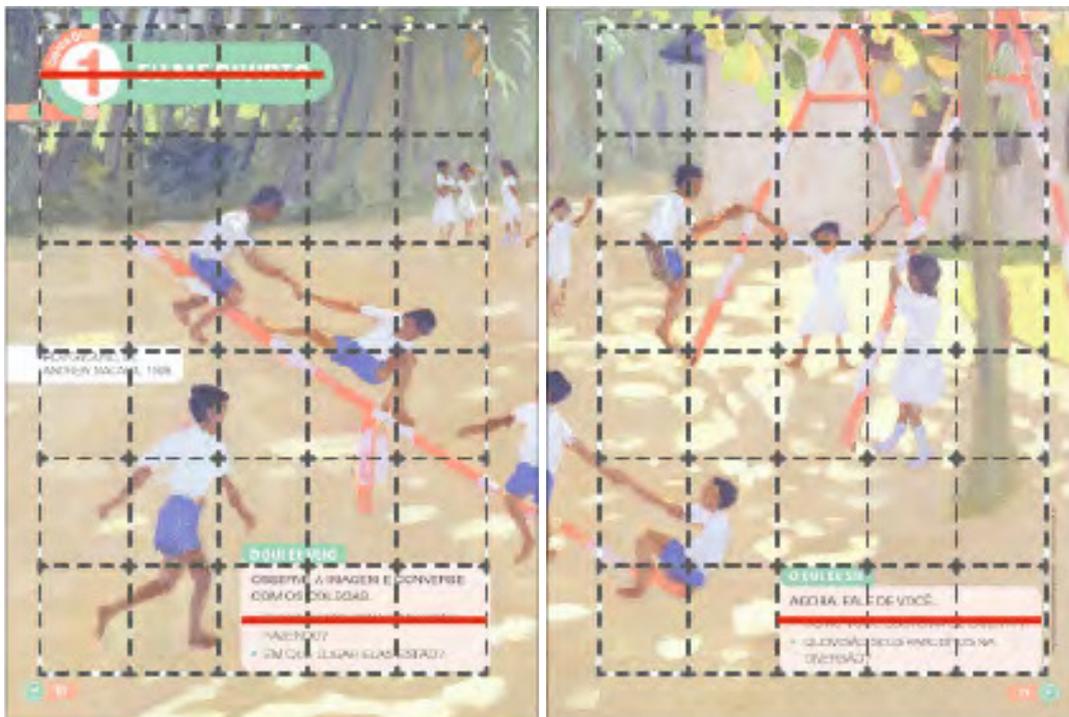


Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 12-13).

A identificação do dispositivo de composição da página, eixo, acontece com o auxílio do diagrama que foi desenvolvido para a dedução da estrutura, como apresentado na figura 11. Através dele, é possível identificar o uso de elementos estético-formais como principais eixos (ou não) de composição da página.

Ao deduzir o eixo dos layouts da página dupla da subseção de abertura, apresentada na figura 15, é possível identificar que os elementos estético-formais - presentes no canto superior esquerdo e no canto inferior direito (layout da esquerda), e no canto inferior direito (layout da direita) - ocupam o direcionamento criado pelo diagrama. É importante destacar que o conteúdo do elemento estético-formal usado como plano de fundo foi bastante relevante para a composição do layout, tendo em vista que se trata da imagem de uma tela de pintura, na qual se evidenciam detalhes importantes para compreensão do conteúdo abordado. Caso isso fosse ignorado, haveria o risco de se perder detalhes da tela.

Figura 15 - Principais eixos identificados na composição do layout da página dupla de abertura do livro *Buriti Mais Português*



Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 10-11).

Na subseção de leitura, a ser vista à esquerda da figura 16, que tem o elemento estético-formal ocupando o canto superior do layout da página, e a subseção de atividades, à direita da mesma figura, que tem o elemento técnico-formal ocupando módulos próximos ao centro do layout, também ocupam o direcionamento criado pelo diagrama estrutural. Assim, podemos dizer que os layouts apresentados fazem uso do dispositivo de composição em sua estruturação. Ou seja, os eixos de composição identificados nas páginas das subseções de leitura e de abertura se encaixam dentro da malha proposta pela estrutura do layout.

Figura 16 - Principais eixos identificados no layout de página simples da subseção de leitura (à esquerda) e de atividades (à direita) do livro *Buriti Mais Português*



Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 12-13).

Ao ter os dispositivos de composição aplicados nos layouts das páginas do livro didático, foi possível notar a presença da mancha gráfica no layout das seguintes subseções: abertura, leitura e atividades. Todas com o mesmo margem, considerando os limites do corte da página, e também com as mesmas dimensões.

No que se refere à estrutura, quando deduzida através do diagrama estrutural, foi possível perceber seu uso nas seguintes subseções: abertura, com o diagrama enquadrado de forma adequada; leitura, com o diagrama enquadrado de forma razoável; e atividades, também com o diagrama enquadrado de forma razoável. Esta razoabilidade de enquadramento dos diagramas estruturais, desenvolvidos acontece porque os elementos estético-formais não ocupam os espaços que estão condicionados pelo diagrama.

O traçado para localizar o centrado do layout das subseções resultou nas seguintes percepções de diagramação: abertura, desconsiderando o dispositivo; leitura, considerando o dispositivo; e atividades, desconsiderando o dispositivo.

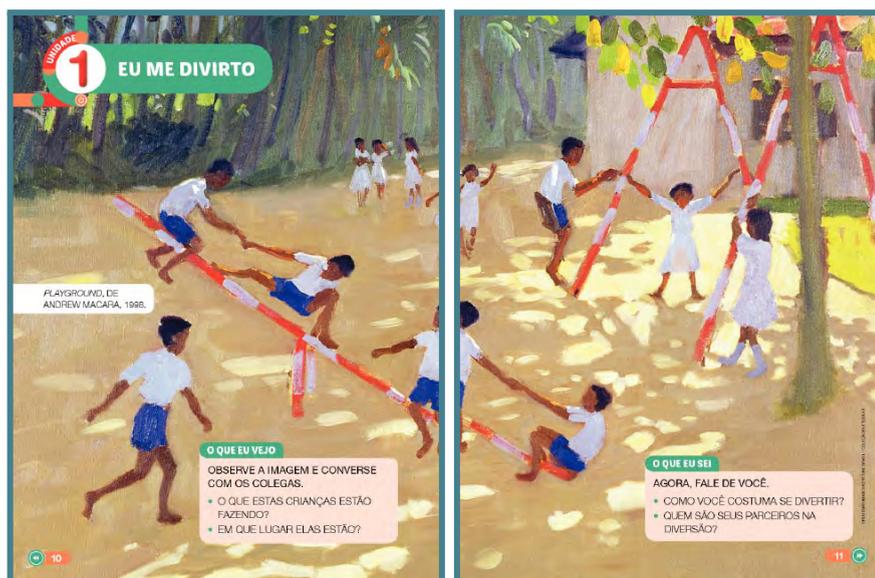
O dispositivo eixo de composição, foi identificado nos layouts das páginas das seguintes subseções: abertura, na primeira e última linha do diagrama; leitura, na primeira linha do diagrama; e atividades, na terceira linha do diagrama.

Mediante essas observações, foi possível compreender que os dispositivos de composição, ao serem utilizados de forma sistemática, podem promover uma celeridade no processo de desenvolvimento do projeto gráfico-editorial. Isto permite afirmar que a utilização desses elementos potencializa a construção dos projetos gráficos. Além do mais, oferece aos designers editoriais uma visão mais abrangente, sem ruídos, coerente com a premissa do livro didático, de clareza e objetividade no âmbito da apresentação das informações pedagógicas.

### 6.1.2 Princípios Projetuais

Os princípios projetuais, enquanto segunda subcategoria, dos elementos técnico-formais analisados, são compostos por: unidade, harmonia, síntese, balanceamento, movimento e hierarquia. É o que pode ser observado, inicialmente, nos layouts da página dupla da subseção de abertura, conforme figura 17.

Figura 17 - Layouts da página dupla da subseção de abertura do livro Buriti Mais Português



Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 10-11).

A unidade é percebida através da repetição de elementos estético-formais, como é o caso do box. A harmonia se dá pela repetição das cores das fontes e dos grafismos que compõem os boxes, da repetição das famílias tipográficas e dos espaçamentos que envolvem as massas de textos dos boxes. A síntese, por sua vez, é percebida através do contraste das cores usadas nas formas e nas tipografias, como pode ser visto na sobreposição do texto branco em relação ao grafismo verde, que compõem o título da unidade e dos boxes.

Ainda sobre a figura 17, o balanceamento da página é percebido através da compensação visual. Nota-se, pois, que as caixas de textos foram alocadas em espaços “vazios” buscando não comprometer a ilustração das crianças que fazem parte da tela pintada. Essa decisão resultou em um balanceamento assimétrico. O princípio movimento é percebido através do dispositivo de composição eixo, no qual se evidencia pelo contraste cromático dos elementos estético-formais box e título de unidade, sobre a foto que se estabelece no plano de fundo das páginas.

A hierarquia existente nos layouts das páginas se dá através dos pesos atribuídos aos elementos estético-formais. Essa atribuição acaba direcionando o olhar do leitor para o que deve ser tratado com mais importância na página. Na subseção em análise, o peso maior é dado ao título da unidade; em seguida temos os boxes de texto. Portanto, pôde-se evidenciar que o título é disposto como elemento de maior pregnância dentro da ação comunicativa e informativa do LD.

No layout da página simples da subseção de leitura, que pode ser visto na figura 18, não é possível identificar o princípio unidade. Villas-Boas (2009) define que o elemento técnico-formal é percebido através da repetição de alguns elementos estético-formais, o que não acontece nessa página. Entretanto, ao relacionar as páginas analisadas do projeto gráfico é possível identificar características relevantes, como formas arredondadas presentes em alguns elementos estético-formais, que provocam a reflexão sobre a o princípio unidade.

Figura 18 - Layout da página simples da subseção de leitura do livro Buriti Mais Português



Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 12).

A harmonia se dá pela repetição das cores das fontes e dos grafismos que compõem os boxes; do marcador de seção e da unidade recorrente com a numeração da página; e na repetição das famílias tipográficas e dos espaçamentos que envolvem as massas de textos dos boxes.

A síntese, por sua vez, é percebida através do contraste das cores usadas nas formas e nas tipografias, como pode ser visto na sobreposição do texto preto em relação ao grafismo vermelho com baixa opacidade, que forma o box que está posicionado junto ao marcador da subseção no topo da página.

O balanceamento da página é percebido de forma objetiva, sendo compensado visualmente de modo simétrico. Nota-se, pois, que majoritariamente todos os elementos estético-formais foram distribuídos considerando o centro como eixo de composição. Por se tratar da visualização de apenas uma página do livro, a esquerda, tendo em vista que ele se apresenta comumente com duas páginas abertas, podemos visualizar que a unidade recorrente com a numeração da página está enquadrada de forma assimétrica. Porém, por existir a página da direita, em que também possui a mesma unidade recorrente, só que no sentido oposto, podemos afirmar que para o projeto ela se encontra distribuída simetricamente.

O princípio movimento é notado por meio das variadas formas e dimensões dos três principais elementos estético-formais dispostos no layout, que são o box e o marcador de subseção no topo da página, a ilustração ao centro e o outro box na parte inferior do layout.

Para identificação do princípio unidade, pode-se ressaltar que o peso de maior relevância é dado ao componente misto (título de subseção), localizado no topo do layout. Em seguida, vem a ilustração no centro da página juntamente com o box de texto disposto próximo ao fim do layout. Portanto, foi possível evidenciar que o componente misto (marcador de subseção e box) está colocado como elemento de maior pregnância dentro da ação informativa do livro didático.

O layout da página simples da subseção de atividades está exemplificado na figura 19.

Figura 19 - Layouts da página simples da subseção de atividades do livro Buriti Mais Português

**PARA COMPREENDER O TEXTO**

**1** CONVERSE COM OS COLEGAS.

- EM QUAL QUADRINHO COMEÇA A HISTÓRIA?
- O QUE GARFIELD ESTÁ TENTANDO FAZER?
- ELE ESTÁ CONSEGUINDO? POR QUÊ?

**2** OBSERVE ESTES DOIS QUADRINHOS. NO DA ESQUERDA, O GATO ESTÁ FALANDO. NO OUTRO, ELE ESTÁ PENSANDO.

- COMO A FALA FOI INDICADA? E O PENSAMENTO?

**3** AGORA, OBSERVE NOVAMENTE O SEXTO QUADRINHO.

- O QUE SIGNIFICA A LÂMPADA DENTRO DO BALÃO DE PENSAMENTO?

**4** OBSERVE O ÚLTIMO QUADRINHO DA HISTÓRIA.

- O QUE GARFIELD ESTÁ FAZENDO?
- O QUE ELE FEZ PARA SE SENTIR MAIS CONFORTÁVEL?
- O QUE O DONO DO GATO PARECE ESTAR PENSANDO?
- VOCÊ CONHECE UM GATO COMO ESSE?

Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 10-11).

A unidade é percebida através da repetição de elementos estético-formais, como é o caso das formas das ilustrações; dos grafismos arredondados presentes no título da subseção e nas unidades recorrentes e pelos blocos de massa de texto. A harmonia se dá pela repetição das cores dos marcadores das questões, pela repetição da família tipográfica na massa de texto, pelo peso maior aplicado aos

comandos das questões e pelos espaçamentos que envolvem as massas de textos. A síntese, por sua vez, é percebida através do contraste das cores usadas nas formas e nas tipografias, como pode ser visto na sobreposição do texto branco em relação ao grafismo vermelho, que compõem o título da subseção.

Ainda sobre a figura 19, nota-se que o princípio balanceamento se apresenta de forma subjetiva (equilíbrio assimétrico), haja vista que busca-se compensar visualmente o “peso” das imagens da lateral esquerda do layout, através da inserção dos blocos de textos. Nota-se, assim, que os elementos estético-formais foram distribuídos de forma assimétrica, desconsiderando a necessidade do uso do dispositivo eixo de composição.

É possível notar a hierarquia no layout da página por meio do destaque dado ao topo da página, no qual o título da subseção (elemento estético-formal) está localizado. Essa ação acaba direcionando o leitor para o que deve ser lido primeiro na página. Com isso, pôde-se evidenciar que o título da subseção é empregado como elemento de maior pregnância dentro da ação comunicativa do livro didático.

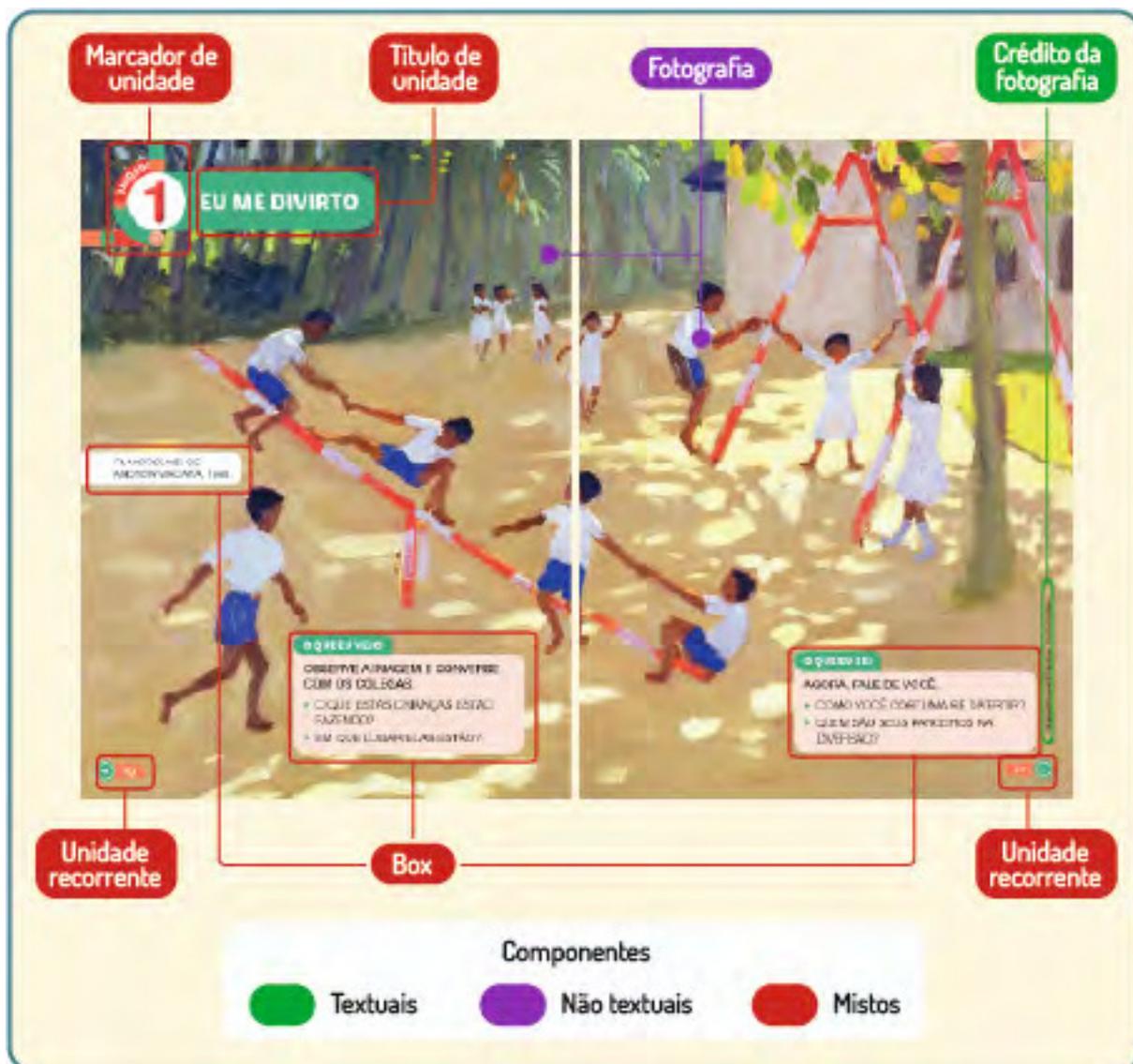
Mediante as proposições elencadas, é válido colocar em evidência, à luz de Villas-Boas (2009), o fato de que os princípios projetuais analisados não são regras que necessariamente devam ser seguidas, mas sim referências, em que os designers tenham como base ao desenvolver o projeto gráfico de um livro didático.

## **6.2 Elementos estético-formais**

Os elementos estético-formais (componentes textuais, componentes não textuais e componentes mistos) são apontados na análise do design crítico de Villas-Boas (2009) como os que efetivamente são vistos pelos leitores. No caso deste estudo, os elementos caracterizados pelo autor dizem respeito aos que estão presentes nas páginas das subseções de abertura, de leitura e de atividades.

A subseção de abertura apresenta os seguintes elementos estético-formais: componentes textuais (crédito da fotografia); componentes não textuais (fotografia) e componentes mistos (marcador de unidade, título de unidade, unidade recorrente e box). Como pode ser visto na figura 20.

Figura 20 - Elementos estético-formais identificados nos layouts da página dupla da subseção de abertura do livro *Buriti Mais Português*

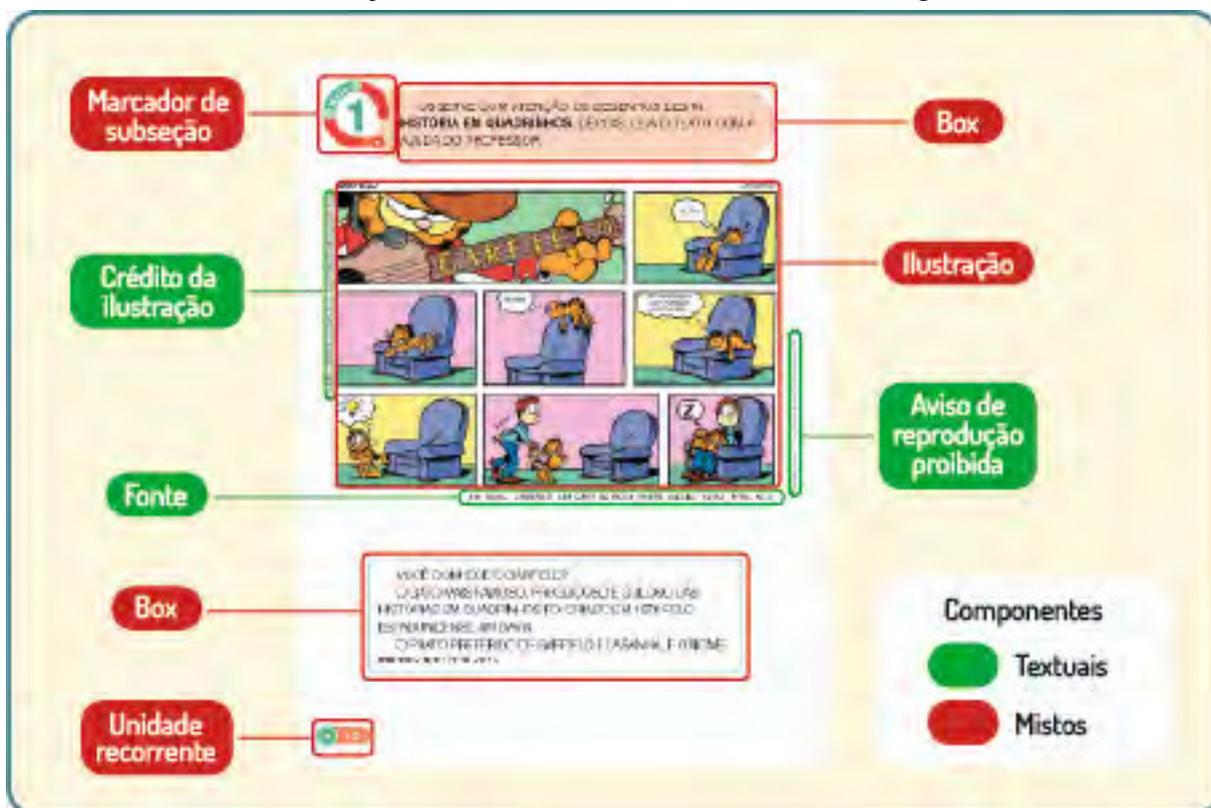


Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 10-11). Adaptação: Autor, 2022.

É importante ressaltar que o componente box é considerado misto por resultar da composição de outros dois componentes: massa de texto (componente textual) e grafismo (componente não textual), tendo em vista que tais elementos não aparecem separados neste contexto de apresentação.

A subseção de leitura, apresentada na figura 21, expõe os seguintes elementos estético-formais: componentes textuais (crédito da ilustração, aviso de reprodução proibida e fonte) e componentes mistos (marcador de subseção, box, ilustração e unidade recorrente). Nesta página não foram detectados componentes não-textuais.

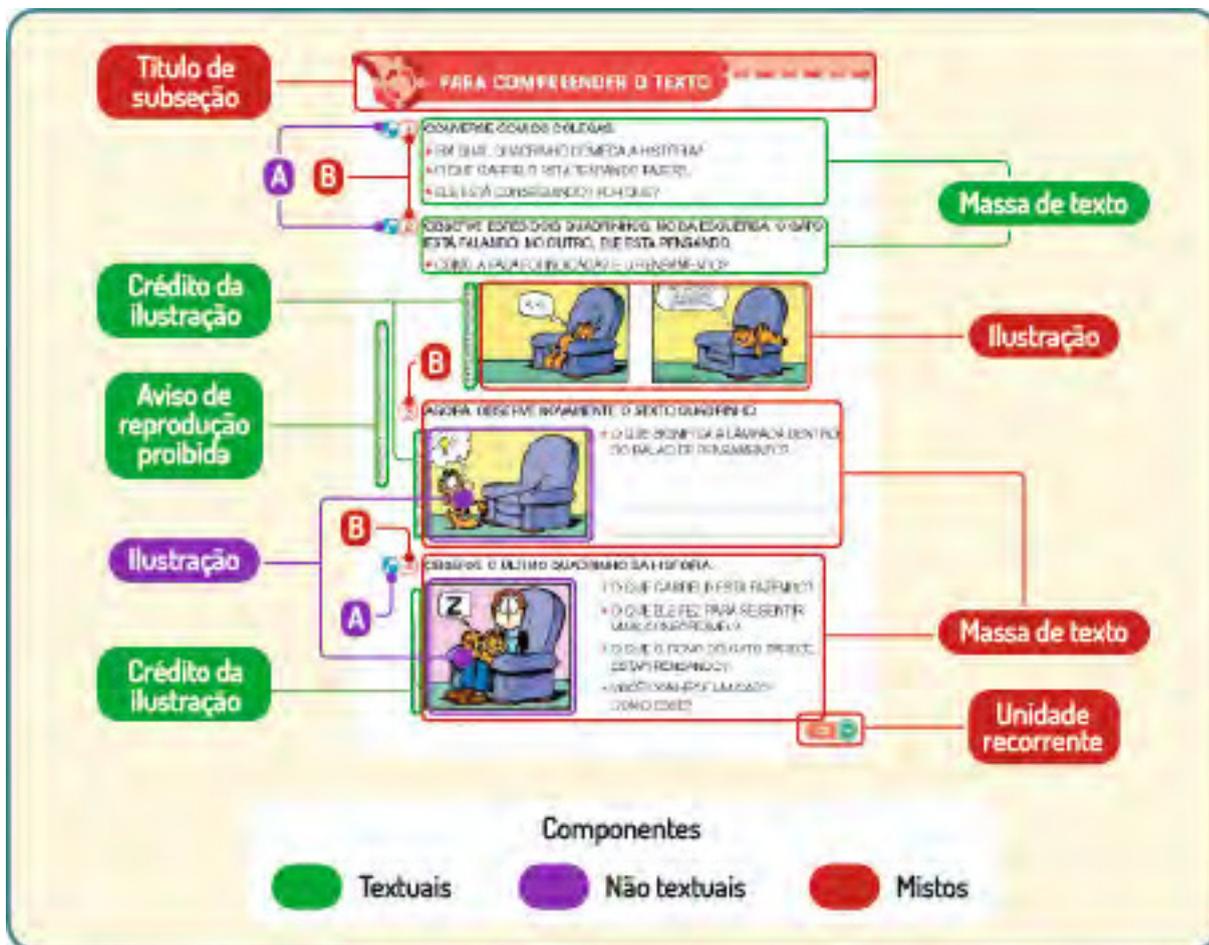
Figura 21 - Elementos estético-formais identificados no layout da página simples da subseção de leitura do livro *Buriti Mais Português*



Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 12). Adaptação: Autor, 2022.

Os elementos estético-formais identificados na subseção de atividades (figura 22), são: componentes textuais (massa de texto, crédito da ilustração e aviso de reprodução proibida); componentes não textuais (ícone de atividades (I) e ilustração); componentes mistos (título de subseção, marcador de questão (M), ilustração, massa de texto e unidade recorrente). Os elementos ícone de atividades e marcador de questão estão representados pelas iniciais, A e B, respectivamente. Tal situação foi necessária, devido a falta de espaço para organizar seus nomes no layout da figura.

Figura 22 - Elementos estético-formais identificados no layout de página simples da subseção de atividades do livro *Buriti Mais Português*



Fonte: Adaptado de Moderna (2017, p. 13). Adaptação: Autor, 2022.

Ainda no layout da página da subseção de atividades, é possível perceber que o elemento massa de texto ou corpo de texto se apresenta tanto de forma única (componente textual), quanto unido a outro elemento (componente misto). O mesmo acontece com o elemento ilustração, identificado como componente não textual e componente misto. Essas situações acontecem porque alguns elementos estéticos que se repetem dentro do mesmo layout têm em sua composição um ou mais elementos, ou seja, ganham uma nova caracterização. Isso mostra a flexibilidade que alguns elementos possuem, podendo pertencer a mais de um componente. Assim, uma ilustração não deixará de ser o que é, por ter um componente textual em sua composição.

A parte principal do livro didático é o corpo do texto, considerando que é nesse elemento que o conteúdo pedagógico será distribuído. A diferença está na função do componente textual que está sendo trabalhado.

Dos dezesseis elementos estético-formais elencados por Villas-Boas (2009), sete foram identificados nas subseções de abertura, de leitura e de atividades. Atrelado a isso, nesta pesquisa elementos como marcador de unidade, título de unidade, crédito da fotografia, box, marcador de subseção, crédito da ilustração, aviso de reprodução proibida, fonte, título de subseção, ícone de atividade, marcador de questão e massa de texto também foram elegidos, ou ressignificados, para fins de análise, como se pode verificar no detalhamento do quadro 2.

Quadro 2 - Caracterização dos elementos estético-formais do livro didático Buriti Mais Português (2017) para as turmas de 2º ano fundamental

Layout	Elementos estético-formais	Componentes textuais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• crédito da fotografia;</li> <li>• crédito da ilustração;</li> <li>• fonte;</li> <li>• aviso de reprodução proibida;</li> <li>• componente textual;</li> <li>• massa de texto;</li> </ul>
		Componentes não textuais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• fotografia;</li> <li>• ilustração</li> </ul>
		Componentes mistos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• marcador de unidade;</li> <li>• título de unidade;</li> <li>• unidade recorrente;</li> <li>• box;</li> <li>• marcador de subseção;</li> <li>• ilustração;</li> <li>• título de subseção;</li> <li>• ícone de atividade;</li> <li>• marcador de questão;</li> <li>• massa de texto;</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Villas-Boas (2009). Adaptação: Autor (2022).

É pertinente salientar que neste trabalho algumas caracterizações dos elementos estético-formais presente em Villas-Boas (2009) foram adequados para atender as proposituras analíticas elencadas no processo investigativo, conforme

caracterizado no quadro 2.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É notório, a importância dada pelo PNLD - Programa Nacional do livro didático, ao estabelecer pré-requisitos que pautem o mínimo de qualidade gráfica dos projetos dos livros didáticos, mas ainda não são suficientes para guiar os designers de forma sistemática quanto ao produto final.

O projeto gráfico analisado, mediante a aplicação da metodologia de Villas-Boas (2009), apresenta soluções gráficas pautadas na legibilidade e objetividade. Isso significa dizer que o livro analisado se configura como material didático potencializado em seu teor comunicativo informativo ao apresentar um projeto gráfico planejado e organizado de forma clara e objetiva, sem ruídos, seja em seus elementos estético-formais, seja em seus elementos técnico-formais.

Mediante a perspectiva analisada, ficou evidenciado que o livro didático *Buriti Mais Português* (2017) atende aos requisitos necessários para aquilo que se considera como um design editorial adequado ao processo educativo, dada as especificidades dos elementos dispostos (imagens, textos, box, dentre outros). Sendo assim, o método de Villas-Boas (2009) apresenta potenciais proposituras que direcionam modos analíticos críticos para pensar os livros didáticos. Por isso, em alguns momentos houveram a resignificação de componentes analíticos para melhor atender aos objetivos propostos nesta investigação, como a nomeação de alguns elementos estético-formais, a exemplo de marcador de unidade, título de unidade, marcador de subseção, crédito da ilustração, aviso de reprodução proibida, título de subseção, ícone de atividade, marcador de questão e massa de texto.

## 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A. E. Maia do. **1000 anos antes de Gutenberg**. Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação Cadernos BAD, n. 002, 2002, p. 84-95. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/11909>. Acesso em: 04 abr. 2020.

BAGNO, Marcos. **Linguagem**. Glossário CEALE, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/linguagem>. Acesso em: 13 abr. 2020

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1993.

BOCCHINI, Maria Otilia. Legibilidade visual e projeto gráfico na avaliação de livros didáticos pelo PNLD. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LIVRO DIDÁTICO: EDUCAÇÃO E HISTÓRIA, 2009, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: USP, 2022.. Disponível em: <http://www.abrale.com.br/wp-content/uploads/legibilidade-visual-grafico-pnld.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022.

PNLD. Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnldL>. Acesso em: 17 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Edital de convocação 01/2017 – CGPLI**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 07 abr. 2022. Assunto: Processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático.

BRASIL, Ministério da Educação. Guias do Programa Nacional do Livro Didático, 2022. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/195-secretarias-112877938/seb-e-ducacao-basica-2007048997/12637-guias-do-programa-nacional-do-livro-didatico>. Acesso em: 17 abr. 2022.

BURITI Mais Português 2 Ano. Scribd, 2021. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/509945787/Buriti-Mais-Portugues-2-Ano>. Acesso em: 13 abr, 2021.

CASTRO, Luciano; PERASSI, Richard. **Estruturação de projetos gráficos: a tipografia como base de planejamento**. 1. ed. Curitiba: Appris Editora, 2018.

CORDEIRO, Maisa Barbosa da Silva. **Políticas Públicas de Fomento à Leitura no Brasil: uma análise (1930-2014)**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 1477-1497, out./dez. 2018.

FREITAS, Bárbara; COSTA, Wanderlay F. da; MOTA, Valéria. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil**. Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edefu, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNKER, Glenda. **Projeto gráfico-editorial de livro autobiográfico**. Florianópolis: 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/173200>.

JACOBSON, R. **Information Design**. Massachusetts: MIT Press, 1999.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes**. 1. ed. Osasco: Editora Gustavo Gili, 2020.

MARTINS FILHO, Plínio. **A arte invisível**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MODERNA, Editora. **Buriti Mais: Português**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2017.

NAKAMOTO, Persio. **A Configuração gráfica do livro didático: Um espaço pleno de significados**. Tese [Doutorado em Educação]. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, João Batista Araújo; et al. **A política do livro didático**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1984.

RALLO, Rafael. **Tipografia: como usar um dos pilares do Design Gráfico a seu favor**. Rock Content, 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/tipografia/>.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. **O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV**. Akrópolis, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007.

ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. **A História do Livro**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2014. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n0sc801>. Acesso em: 03 abr. 2020.

HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II: como criar e produzir livros**. 2. ed. São Paulo: Edições Rosari Ltda., 2010.

OLIVEIRA, João Paulo Teixeira de. **A eficiência e/ou ineficiência do livro didático no processo de ensino-aprendizagem**. CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE POLITICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 4, 2014. Anais ... Porto: Anpae, 2014.

SILVA, Marco Antônio. **A fetichização do livro didático**. Educação e Realidade, v. 37, n. 3, set./dez. de 2012, p. 803-821.

SCHUBRING, Gert. **Análise histórica do livro didático de matemática: notas de aula**. Campinas: Autores Associados, 2003.

TSCHICHOLD, Jan. **A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro**. 1. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

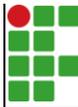
VILLAS-BOAS, André; **Sobre Análise gráfica, ou Algumas estratégias didáticas para a difusão de um design crítico**. Revista Arcos Design, v. 5, Rio de Janeiro, 2009.

ZACHEU, Aline A. P; CASTRO, Laura L. de O. **Dos tempos imperiais ao PNLD: a problemática do livro didático no Brasil**. 14ª Jornada do Núcleo de Ensino de Marília, 2015. Disponível em: <http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/publicacao.asp?codTrabalho=MTQ1NzM=>. Acesso em: 06 abr. 2020.

MUNAKATA, Kazumi. **Livro didático como indício da cultura escolar**. Revista História da Educação, Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 119-138, set./dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/624037>. Acesso em: 23 ago. 2022.

FNDE. Ministério da Educação, c2017. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/518-historico>. Acesso em: 17 abr. 2020.

MOURA, Mônica; ZUGLIANI, Jorge Otávio. Design editorial contemporâneo na ação estética e política. *In*: ANDRADE, Ana Beatriz Pereira de *et al.* **Ensaios em design: investigação e ação**. Bauru: Canal 6, 2019, p. 164-207. Disponível em: <https://ensaiosemdesign.com.br/livros/ensaios-em-design-investigacao-e-acao/>. Acesso em: 03 Ago 2022.

	<b>INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA</b>
	Campus Cabedelo - Código INEP: 25282921
	Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Cambinho, CEP 58103-772, Cabedelo (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0010-66 - Telefone: (83) 3248.5400

## Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

### Versão final TCC com ficha catalográfica

<b>Assunto:</b>	Versão final TCC com ficha catalográfica
<b>Assinado por:</b>	Edvan Lima
<b>Tipo do Documento:</b>	Avaliação
<b>Situação:</b>	Finalizado
<b>Nível de Acesso:</b>	Ostensivo (Público)
<b>Tipo do Conferência:</b>	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

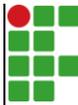
- Edvan Barbosa de Lima Junior, ALUNO (201817010043) DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO - CABEDELLO, em 21/12/2023 17:27:39.

Este documento foi armazenado no SUAP em 21/12/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1033442

Código de Autenticação: b4aa677612



	<b>INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA</b>
	Campus Cabedelo - Código INEP: 25282921
	Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Cambinha, CEP 58103-772, Cabedelo (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0010-66 - Telefone: (83) 3248.5400

## Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

### TCC Edvan Lima COM FOLHA DE APROVAÇÃO

<b>Assunto:</b>	TCC Edvan Lima COM FOLHA DE APROVAÇÃO
<b>Assinado por:</b>	Edvan Lima
<b>Tipo do Documento:</b>	Anexo
<b>Situação:</b>	Finalizado
<b>Nível de Acesso:</b>	Ostensivo (Público)
<b>Tipo do Conferência:</b>	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- Edvan Barbosa de Lima Junior, ALUNO (201817010043) DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO - CABEDELLO, em 05/04/2024 11:03:54.

Este documento foi armazenado no SUAP em 05/04/2024. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1134698

Código de Autenticação: b57449a01d

